

# O FLAGELO DA POBREZA

A crise económica que tem originado a deterioração da vida dos cidadãos constitui uma realidade crescente. Milhares de pessoas de diversas origens sociais e económicas vivem, actualmente, numa luta diária pela sobrevivência.

Este é um alerta que tem sido lançado por muitas associações humanitárias, assim como por diversos agentes públicos e privados e tem merecido a atenção da comunicação social.

A realidade é muito preocupante. Homens e mulheres, novos e velhos, que, num passado não muito distante, exerciam a sua actividade profissional, como por exemplo, professores, economistas, hoteleiros ou agricultores, que dispunham de rendimentos familiares equilibrados, viram o mundo desabar e, de repente, ficaram quase sem nada.

É uma situação dramática, nova, que os obriga a mudar radicalmente de vida e, hoje, muitos dependem totalmente da caridade de terceiros e, para outros, a rua transforma-se no seu único espaço de vida.

Os números oficiais apontam para a existência de cerca de dois milhões de pobres, actualmente, em Portugal, o que equivale a um terço da população entre os 16 e os 64 anos.

Desse universo, estima-se que 17 por cento têm emprego, mas o salário não chega para suportar as necessidades diárias. Na realidade, há muitas pessoas que têm emprego mas são pobres e passam fome.

O Banco Alimentar Contra a Fome alertou, recentemente, para a crescente e significativa procura do seu apoio por parte de mais carenciados – os novos pobres.

De entre os diferentes cenários de pobreza, um dos mais preocupantes é o dos idosos que, além da alimentação, têm ainda um grande encargo com medicamentos. Tal como dizia um responsável por uma instituição de solidariedade, os idosos não podem deixar de tomar medicamentos e, por essa razão, alimentam-se menos. O que os coloca no grupo cada vez maior da população portuguesa que necessita de ajuda alimentar.

O aumento súbito dos bens essenciais, provocado pelo aumento do preço do petróleo, e o endividamento das famílias, são alguns factores que têm provocado o aumento dos pedidos de auxílio vindos de pessoas que têm emprego, mas cujo salário já não lhes chega para pagar as despesas correntes.

Os números da Assistência Médica Internacional (AMI), por seu lado, indicam que 85 por cento das pessoas que recorrem à organização vão à procura de ajuda alimentar e, dessas, 90 por cento dizem que o fazem por razões financeiras.

É certo de que as situações mais dramáticas se concentram nas grandes cidades de Lisboa e Porto. Mas também é verdade que, na nossa terra, se vivem muitas situações semelhantes.

Na minha opinião, a gravidade deste problema só se resolve com a participação de toda a sociedade. Desde os indivíduos até às instituições públicas e às empresas.

Pela sua gravidade, considero mesmo que a pobreza deveria ser encarada como uma causa nacional.

Antes que seja tarde de mais.

*Ovar, 2 de Julho de 2008*

**Álvaro Santos**